IDOLATRIA E POLÍTICA

Maria das Graças Ferreira da Silva[1]

Resumo

O presente artigo se propôs a demonstrar a relação existente entre a idolatria e a política, a partir do livro do profeta Jeremias, utilizando como metodologia a pesquisa bibliográfica bíblica, acrescida de outros livros, inclusive dicionário hebraico, o que resultou na percepção de que a condenação à idolatria no Antigo Testamento visava a proteger o povo eleito de Israel de uma adoração cúltica vazia e inútil que lhe traria graves consequências, uma vez que a adoração aos ídolos ou outros deuses, afastá-los-ia de Iahweh e consequentemente dos seus ensinamentos, os quais tinha como principal objetivo estabelecer as normas para uma vida justa, digna e harmoniosa, o que nada mais é que a política – arte da boa convivência. Desse modo, a pesquisa possibilitou concluir que nem sempre o texto bíblico é lido com a acuidade que demanda, sendo por isso, necessário que mais fóruns de debates bíblicos e teológicos aconteçam em todas as Instituições religiosas, bíblicas e teológicas para fomentar mais estudos, novas pesquisas e a mais ampla e aprofundada visão desse livro tão rico e surpreendente que é a Bíblia.

Palavras-chave: Idolatria. Justiça. Política.

Introdução

A idolatria é algo amplamente mencionado na Bíblia, especialmente no Antigo Testamento. Não é somente mencionado, mas sumariamente condenado e passível de punição e castigo. E o povo hebreu padeceu as consequências e sequelas da sua idolatria, desde o êxodo até muitos séculos depois. A idolatria apresentou-se como algo tão marcante e reprovável que atravessou toda a história do judaísmo, do cristianismo e permanece até os nossos dias como pecado abominável, sendo, para grande parte dos cristãos inaceitável possuir, admirar ou ter contato com qualquer peça de escultura, mesmo sendo uma obra de arte ou mesmo que não se trate de imagem religiosa.

Interessante salientar que os livros bíblicos que mais se referem à idolatria e a condenam, são os livros proféticos, que simultaneamente exortam, advertem e condenam veementemente a opressão, a injustiça e o descaso com a causa do pobre, do órfão e da viúva.

Seria apenas coincidência esses dois temas se fazerem presentes persistentemente no texto profético? Seriam questões independentes ou estão

[1] Nutricionista (UFPB), Psicóloga (UFRN) e concluinte do curso de Teologia do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. E-mail: graça.ferreira01@gmail.com

relacionadas e superpostas? O livro do profeta Jeremias parece ser o que apresenta esses dois assuntos de forma mais preponderante e repetitiva, num aparente paralelismo, o que possibilita pensar que existe algo a uni-los ou a remetê-los um ao outro.

A possível relação entre essas duas temáticas presentes no livro profético de Jeremias é o que esse artigo pretende refletir.

A questão da idolatria no livro de Jeremias

Verdadeiramente a Bíblia é o livro dos livros. Não somente por ser o livro sagrado dos cristãos, mas por encerrar verdades surpreendentes que são ensinamentos para que a humanidade viva bem consigo mesma e com o cosmos. Nem sempre, porém, a sabedoria bíblica apresenta-se de forma tão explícita como esperamos. Tal qual um oráculo, está à espera da que a busquemos em espírito e em verdade. Por isso se faz necessário o estudo e o real interesse na compreensão do texto.

> A palavra bíblica é uma janela, um espelho, uma fonte ou uma lâmpada e em todas essas modalidades é imprescindível não só a construção do caminho crente mas também a maturação cultural. Porém, não se acede a ela sem se ativar uma espécie de arte da leitura [...] Mais do que um livro, é uma biblioteca: pode ser lida como cancioneiro, livro de viagem, memórias de corte, antologia de preces, canto de amor, panfleto político, oráculo profético, correspondência epistolar, livro de imagens, texto messiânico. E colada a esta humana palavra... a revelação de Deus (MENDONÇA, 2015, p. 17, 22).

Haverá relação entre idolatria e política? A princípio, não parece haver qualquer identificação entre essas palavras ou entre esses conceitos ou assuntos. No entanto, apreciando-se com cuidado a referência feita aos ídolos e por conseguinte à idolatria, é possível perceber que há algo além na condenação feita por Iahweh aos ídolos e por conseguinte ao culto e adoração a eles. E aí é possível vislumbrar a grandiosidade do texto bíblico e a infinitude de suas mensagens e verdades, pois há muito mais do que é possível constatar numa leitura superficial e rápida, ou na leitura devocional diária.

Tolentino (2015, p. 47), citando Alter, diz:

> Alter prova que a Bíblia pode contribuir grandemente para o estudo do gênero narrativo, porque as narrações bíblicas, aparentemente ingênuas, mas na verdade espantosamente complexas, oferecem assinaláveis ilustrações das possibilidades intrínsecas à narração.

A visão que temos de Deus e o que pensamos sobre Ele também é de preponderante importância para a nossa leitura, interesse e compreensão do texto lido. Se o atributo da soberania se sobrepõe aos demais atributos de Deus para nós, a nossa tendência será tomar o texto tal qual se apresenta, e sem qualquer preocupação com a análise crítica e aprofundamento. Em outras palavras, vemos o texto como normativo, cabendo a nós somente obedecer ao que é determinado pelo Deus-Soberano. Todavia, se ao invés da soberania, o atributo que para nós se destaca em Deus é a misericórdia, nos inquietamos quando algo na nossa leitura da Bíblia, parece incompatível com essa misericórdia, com o Deus compassivo e amoroso que nos foi revelado através de Jesus. Nessa perspectiva, caminhamos nos escritos, na tentativa de encontrar o que há de amor no texto. Pensando assim, perguntamos se o Deus que condena por se adorar ídolos é um Deus verdadeiramente amoroso. Um Deus de amor seria tão ciumento e exclusivista a tal ponto de fazer esse tipo de exigência apenas para satisfação própria? Uma exigência dessa natureza não parece compatível com o Deus compassivo. A partir dessa compreensão, seguimos buscando discernir o porquê da condenação pela idolatria. O que haveria de tão maléfico na idolatria, para se constituir como um pecado de tal forma reprovável e passível da punição a que foi submetido o povo escolhido, conforme vemos no livro de Jeremias e também em outros livros bíblicos?

No versículo 5, do capítulo 2 do livro do profeta Jeremias lemos: “Eles seguiram ídolos sem valor, tornando-se eles próprios sem valor”. E ainda, no mesmo capítulo, no versículo 11, podemos ler: “Mas o meu povo trocou a sua Glória por deuses inúteis”. E ainda no versículo 13 diz: “O meu povo cometeu dois crimes: eles me abandonaram, a mim, a fonte de água viva; e cavaram suas próprias cisternas, cisternas rachadas que não retêm água”.

Os versículos citados acima falam de “ídolos sem valor”, “deuses inúteis” e “cisternas rachadas que não retêm água”. Essas expressões nos levam a interrogar e a analisar o seu sentido na tentativa de melhor compreender a comunicação contida no escrito. Os termos “sem valor” e “inúteis” são correlatos e podem ser substituídos por “sem serventia” ou “sem utilidade”, o que nos remete a questionar “para que os ídolos deveriam ter utilidade ou serventia”. Certamente, não para Iahweh, que na sua onipotência, soberania e perfeição, de nada precisa. Portanto, Jeremias falando em nome de Iahweh, refere-se à inutilidade desses ídolos para o

povo de Israel. E é a partir dessa percepção que se torna possível estabelecer conexões e apreender o que não é alcançável à primeira vista.

Concebendo-se Iahweh como Deus amoroso e Pai, como nos foi apresentado por Jesus, e considerando a citação "[...] abandonaram, a mim, a fonte de água viva; e cavaram suas próprias cisternas, cisternas rachadas que não retêm água", fica claro que a condenação à idolatria, é motivada pelo excesso de zelo de Iahweh por seu povo. Ele é a "fonte de água viva" que não somente concedeu a vida a cada ser vivente, mas o acompanha cuidando, protegendo, orientando, instruindo e livrando do mal. Essa seria a razão para o povo escolhido se manter fiel a Ele, para que assim pudesse ter suas vidas cuidadas e preservadas, o que os ídolos – "cisternas cavadas por eles próprios" – não lhe podiam oferecer – "cisternas rachadas que não retêm água".

Seguindo no texto de Jeremias, encontramos uma outra referência aos ídolos, que nos aproxima mais da ideia de que a abominação de Iahweh à idolatria estaria diretamente ligada à "inutilidade" dos referidos ídolos no que se referia ao cuidado d'Ele com seu povo.

> Se você voltar, ó Israel, volte para mim, diz o Senhor. "Se você afastar para longe de minha vista os seus ídolos detestáveis, e não se desviar, se você jurar pelo nome do Senhor com fidelidade, justiça e retidão, então as nações serão por Ele abençoadas e nele se gloriarão (Jr 4,1-2).

Esse texto nos mostra que Iahweh não queria apenas que os israelitas abandonassem os ídolos, mas que garantissem "fidelidade, justiça (*mishpat*) e retidão (*tsedaqah*). Isso evidencia Sua preocupação com o bem-estar do povo, pois usa duas palavras que significam a mais completa forma de viver de maneira correta, harmoniosa e justa. As palavras "justiça" e "retidão" anteriormente citadas na Nova Versão Internacional da Bíblia, e que na versão da Bíblia de Jerusalém estão escritas respectivamente como "direito" e "justiça", ou seja, justiça como sinônimo de direito e retidão no sentido de justiça social, que é a justiça praticada em relação ao pobre e ao necessitado, muito mais pela sua necessidade que por direito adquirido. Em hebraico são duas palavras distintas, ambas significando justiça, porém com sentidos diferenciados. São elas *mishpat* e *tsedaqah*.

E continuando percorrendo o oráculo de Jeremias, encontramos outra interdependência entre o temor a Iahweh e a justiça social.

> Não disseram em seus corações: ‘Temamos a Iahweh nosso Deus, que nos dá a chuva de outono e a da primavera a seu tempo e que nos reserva semanas fixas para a colheita’.
> Vossos delitos afastaram essa ordem, e vossos pecados vos privaram destes bens.
> Sim, encontram-se ímpios em meu povo, eles estão à espreita, como passarinheiros que se agacham, eles montam armadilhas, e caçam homens.
> Como gaiola cheia de pássaros, assim suas casas estão cheias de rapina.
> Por isso tornaram-se grandes e ricos, gordos e reluzentes.
> Ultrapassaram, até os limites do mal; não respeitam o direito, o direito dos órfãos e, todavia, têm êxito!
> E não fazem justiça aos indigentes. Acaso não castigarei por causa destas coisas – oráculo de Iahweh – ou não me vingarei de nação como esta? (Jr 5,24–29).

Validando o texto citado acima, segue-se outro com a mesma tônica.

> Mas se vocês realmente corrigirem a sua conduta e as suas ações, e se, de fato, tratarem uns aos outros com justiça, se não oprimirem o estrangeiro, o órfão e a viúva e não derramarem sangue inocente neste lugar, e se vocês não seguirem outros deuses para a sua própria ruína, então Eu os farei habitar neste lugar, na terra que dei aos seus antepassados desde a antiguidade e para sempre (Jr 7,5–7).

O versículo 6 do capítulo 9 do livro de Jeremias, parece deixar patente e explícita a relação intrínseca entre os atos de injustiça e opressão e o abandono a Iahweh na busca por outros deuses ou ídolos. “De opressão em opressão, de engano em engano, eles se recusam a reconhecer-me’, declara o Senhor” (Jr 9,6). E esta última citação parece selar a interdependência entre reconhecer Iahweh como único Deus e defender a causa dos necessitados: “Ele defendeu a causa do pobre e do necessitado, e, assim, tudo corria bem. ‘Não é isso que significa conhecer-me?’, declara o Senhor” (Jr 22,16).

Vimos até então, a íntima ligação entre idolatria e justiça social. Todavia a proposta deste trabalho é estabelecer o liame entre idolatria e política, o que será demonstrado a seguir.

A palavra “política”, a partir da sua origem grega, *polis* (cidade) e *technè* (técnica/arte) tem como significado etimológico “a arte de viver na cidade”. Viver na cidade significa, obviamente, conviver com outras pessoas, por conseguinte, a arte de viver na cidade é a arte de viver com as demais pessoas da cidade. Dito de outro modo, seria viver bem com todas as pessoas, ou ainda a arte do bem viver. Isso é política.

> Vozes tão diversas como as de Isaías, Jeremias, Oseias e Amós têm em comum o exercício de uma missão religiosa que os inscreve como consciência crítica no interior dos processos temporais, dos quais eles próprios não se isentam, procurando nessa obstinada entrega a sua transformação. As soluções que avançam nada têm já de artifício, antes nos encaminham para uma espécie de renovado contrato social: a prática da justiça, a correspondência solidária que ultrapasse a fronteira de classes e povos, um intransigente investimento de uma paz ao mesmo tempo política e poética. A palavra torna-se veículo utópico. Intensifica-se. Deve-se anunciar, sem relatar. Deve relatar, sem descrever. A Palavra é também alguma coisa fundada no desconhecido. A Palavra, a possibilidade de Deus (MENDONÇA, 2015, p. 30).

E é precisamente isso que encontramos num outro livro da Bíblia Hebraica, o Deuteronômio. Esse livro lista detalhadamente tudo o que o povo de Deus deveria fazer para viver da melhor forma possível com os demais cidadãos. “Andem sempre pelo caminho que o Senhor, o seu Deus, lhes ordenou, para que tenham vida, tudo lhes vá bem e os seus dias se prolonguem na terra da qual tomarão posse” (Dt 5, 33).

O livro do Deuteronômio trata de todas as questões necessárias ao bem viver, desde o descanso de todos, inclusive do servo e do hóspede, da acolhida ao estrangeiro, do perdão das dívidas, do descanso da terra e do cuidado com o órfão, a viúva e o estrangeiro. Todas essas recomendações são justificadas detalhadamente e não impostas, o que demonstra o seu caráter pedagógico e não punitivo. Vemos assim que a importância de reconhecer, estar, caminhar e permanecer com Iahweh é a forma de ser devidamente orientado, cuidado, instruído e protegido, por isso Ele não deveria ser rejeitado ou esquecido sob pena de o seu povo passar a caminhar no vazio, sem rumo e sem perspectivas. Por isso as constantes admoestações, reprimendas e condenação de Iahweh em relação aos ídolos com os quais o povo poderia ter apenas um pseudorrelacionamento uma vez que eles não passavam de mera ilusão, razão pela qual nada podiam oferecer e em nada contribuir.

Considerações finais

A leitura, o estudo e o percurso pelo texto do livro de Jeremias se mostrou marcante especialmente sob três aspectos: o primeiro deles foi a agradável constatação das infinitas descobertas possíveis a partir da leitura bíblica. Mesmo que já se conheça anteriormente o texto, ele consegue se mostrar sempre novo,

como se estivesse em mutação constante, possibilitando muitos e grandes achados numa atualização permanente e constante. É Deus que nos fala sempre no momento presente. A segunda elaboração a partir deste estudo é pensar no quanto é desperdiçado desse livro tão rico, amplo e renovável quando se fazem apenas leituras superficiais e repetitivas ou desvinculadas de sua totalidade ou completude. Por fim e diretamente relacionado ao tema do trabalho, é preocupante apesar de todo esse tempo de contato e conhecimento do conteúdo da Bíblia, continuarmos enxergando e ensinando sobre idolatria de uma forma tão limitada, descontextualizada e divorciada da vida. A perda é considerável e lamentável.

Faz-se necessário que aconteçam mais fóruns de debate em que os estudos e discussões desta natureza possam alimentar e motivar mais pesquisas que fomentem novas visões, atualizadas e comprometidas com a vida, uma vez que a Bíblia é o livro da Vida e especialmente um livro vivo.

Referências

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução: Escola Bíblica de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional [traduzida pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional]. – São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

HARRIS, R. L. (org.). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

MENDONÇA, J. T. **A leitura infinita: a Bíblia e sua interpretação**. São Paulo: Paulinas; Pernambuco: Universidade Católica de Pernambuco.